

Duas raras orquídeas em uma montanha

David e Izabel Miller

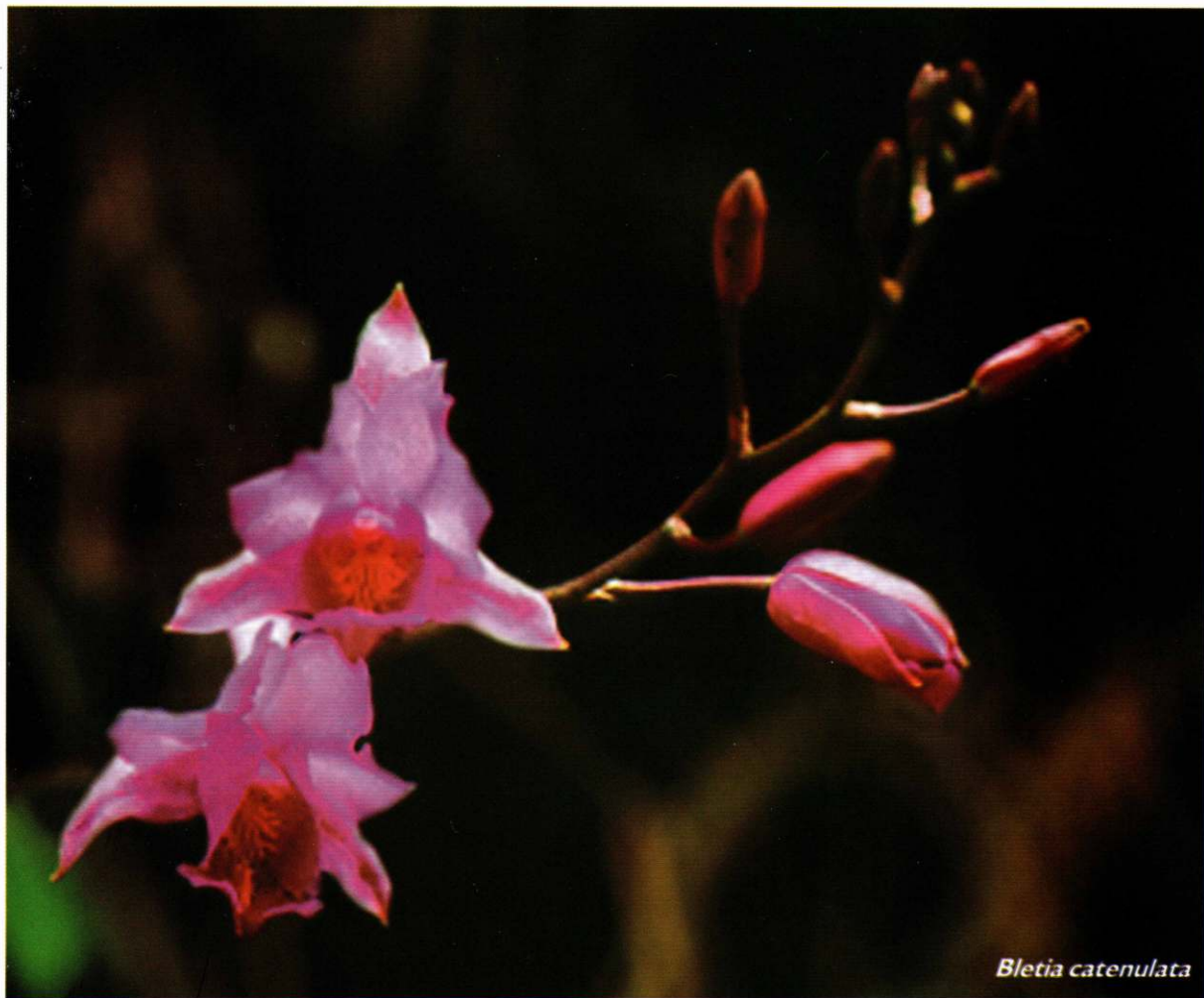


Foto: Izabel Miller

Tudo aconteceu no dia 24 de outubro. Estávamos preparando a casa para a visita de três semanas de cinco orquidófilos ingleses e outra visita de dois dias de dois orquidófilos americanos que estavam vindo para cá, na floresta de Macaé de Cima. A casa estava quase pronta após três meses de uma reforma total, o que significava que estávamos vivendo em meio a camadas de pó, serragem, tinta e gesso frescos, dormindo em diferentes cômodos a cada noite. Ao mesmo tempo, eu estava envolvido em um grande projeto social da comunidade e isso estava ficando difícil. Em resumo, estávamos exaustos e estressados. Assim, quando dois amigos orquidófilos apareceram e quiseram que nós os acompanhássemos em uma viagem de busca por orquídeas na Serra dos Órgãos, nós dissemos:

— De jeito nenhum! Nós estamos mortos de cansaço. Vamos ficar aqui, tomar algumas cervejas e fantasiar sobre orquídeas enquanto comemos um churrasco.

Nossos amigos, dois saudáveis alemães, não estavam estressados e não estavam interessados em nossas condições físicas. Sugerimos a eles aonde ir. Eles se foram. Bebemos algumas cervejas, comemos nosso churrasco e tiramos uma soneca em um dos cinco quartos que estava menos sujo.

Fomos acordados pouco antes do anoitecer por latidos histéricos de cães e de buzinas. Os orquidófilos alemães retornaram exibindo um caule com três flores de *Phragmipedium vittatum* juntamente com uma planta em flor de *Bletia catenulata*. Nós não conseguíamos acreditar naquilo. Enquanto tomávamos mais cerveja, eles contavam a história.

Eles tinham seguido nossos conselhos e dirigiram por aproximadamente 30 km em uma estrada de terra no meio do que mais parecia ser um Afeganistão: montanhas estéréis sem que se avistasse uma única orquídea, e apenas com algumas poucas árvores. Então, eles chegaram até uma rocha em cuja face escorre água o tempo todo. Ali eles avistaram cerca de meia dúzia de cachos de flores de coloração magenta (que, à primeira vista, pareciam ser *Tibuchina sp* – “quaresma”) no meio de uma linha de 25 metros, com dois metros de profundidade. Também viram cachos que se pareciam com lírios, muitos dos quais parcialmente encobertos pelo mato alto. Eles pararam ali e, para sua surpresa, descobriram que as *Tibuchina sp* eram *Bletia catenulata* e que as flores que as cerca de 200

plantas que se pareciam com lírios eram, na verdade, *Phragmipedium vittatum*.

Nosso estresse acabou naquela noite. No dia seguinte, percorremos os 30km da estrada de terra em nossa velha Kombi e achamos a colônia de *Phragmipedium vittatum* novamente. Estacionamos o carro e fizemos uma grande encenação, tirando fotos das montanhas que lembravam o Afeganistão, antes e depois de nosso encontro com a colônia de *Phragmipedium*, para que os caboclos das redondezas não desconfiassem o que estávamos fazendo por ali.

Enquanto alguns de nós estavam envolvidos nessa tática diversiva, Izabel, nossa fotógrafa, estava gastando todo um filme de 36 poses com flores e com o hábitat. Outros estavam inspecio-

nando a fina camada de substrato para determinar sua profundidade, o quão poroso era o substrato, a estrutura e a aderência das raízes a ele, etc. Deparamo-nos com algumas situações curiosas. Os *Phragmipedium* fixavam suas raízes, que eram muitas e extensas, à face da rocha embaixo de aproximadamente 8 cm de turfa. Cerca de 30% das plantas tinham pseudobulbos de *Bletia* entrelaçados na estrutura de suas raízes, o que sugere uma afinidade, senão algo mais forte (não apenas “bons amigos”)! Cada planta madura em flor tinha um número de plantas menores fixadas a apêndices curtos até o menor rizoma, o que totalizava uma colônia de aproximadamente 300 plantas. Acima da



Phragmipedium vittatum - touceira



Phragmipedium vittatum

Foto: Izabel Miller

Foto: Izabel Miller

colônia havia um pequeno campo onde se plantava feijão. Então a água escorrida devia ter fertilizantes inorgânicos e resíduos agrotóxicos que certamente não tinham afetado as plantas de maneira a prejudicá-las. Pelo contrário, seus cachos de folhas em forma de leque estavam totalmente saudáveis e sem defeitos ou manchas. Perguntamo-nos como esta colônia ao lado da estrada tinha sobrevivido ao gado faminto na estação da seca que havia durado seis meses, a queimadas – prática tão usada pelos locais – e a colecionadores. Vamos falar sério: trezentas plantas a 10 dólares cada é muito dinheiro para um caboclo e para um negociante que não está ciente de que esta planta é legalmente protegida. A flor é muito bonita. A ilustração em “Pabst & Dungs” não faz justiça a ela, enquanto que o desenho em preto e branco em “Iconografia” dá ao labelo uma semelhança a “Bin Laden”. Até a foto de Roberto Takase no super artigo do “Boletim CAOB” número 42 (outubro - dezembro de 2000) de maneira alguma retrata a planta de modo fidedigno. Além disso, Hoehne a menciona somente uma vez como sendo uma planta vinda das montanhas ao redor de São João Del Rei em Minas Gerais, enquanto “Orchidacearum” (1999, volume 1) na seção *Phragmipedium*, a *P. vittatum* dificilmente é mencionada, mais difícil ainda é encontrar uma foto. Além do mais, ninguém tem a mínima idéia quanto ao polinizador.

Bletia catenulata tem uma coloração magenta quase etérea e seu hábito de crescimento é muito estranho, bem diferente de seu curioso e íntimo relacionamento com *P. vittatum*. Ela produz três longas alças como folhas estreitas pregueadas apicais emergindo de um corno ou de um pseudobulbo com nódulos, bem parecido com os da *Galeandra beyrichi* ou mesmo com os da *Grobysa amherstiae*.

Apoiado por grama alta ao redor, sua inflorescência basal e rígida pode alcançar mais de um metro, exibindo grupos de flores seqüenciais. A coloração sugere polinização através do beija-flor. Mais uma vez, Hoehne não discute essa planta. Pabst examinou exemplares de “Herbarium”, mas nenhuma no Rio de Janeiro. Nós nos lembramos que um amigo uma vez a mencionara como sendo encontrada em Búzios, mas isso foi há muito tempo. E, pensando bem (nós estávamos em um bar), ele poderia ter dito “Betty” e há muitas delas em Búzios. De qualquer maneira, nós não esperávamos encontrar essa planta no anticlino

Foto: Izabel Miller



Phragmipedium vittatum

da Serra dos Órgãos que dá para o norte, recebendo sol direto o ano todo a 850 metros de altitude.

Eu suponho que isso nos mostre que, apesar de todos acreditarem o contrário, tais orquídeas ainda existam em nosso belo – embora tão assediado – Estado do Rio de Janeiro, em lugares tão fora de mão que nenhum colecionador normal jamais pensaria em visitar. São verdadeiros oásis no meio de um imenso deserto causado pelo desmatamento, pelo cultivo do café e pela construção de estradas de ferro durante o século XIX e início do século XX. Isso também mostra que, se você mantiver sua isca na água, você acabará apanhando um peixe, isto é, se houver peixe!

***David e Izabel Miller**

Correspondência: Caixa Postal 95517, Muri, Nova Friburgo - RJ - CEP 28612-970